

Diminutivos em *-j* nas línguas Jê Setentrionais

Andrey Nikulin

Pesquisador colaborador, Universidade de Brasília, Brasil /
Pós-doutorando, Université d'Ottawa, Canadá
<https://orcid.org/0000-0003-2237-564X>

ABSTRACT: The goal of this article is to identify the previously undescribed derivational affix *-j*, which occurs in some lexemes in the Northern Jê languages. I examine 17 cognate sets instantiating a mismatch between the presence of a stem-final *-j* in some languages and its absence in other languages. It is shown that the occurrence of the “non-etymological” instances of the element *-j* is more frequent in diminutives, suggesting that *-j* could be a low-productivity affix. Therefore, the hypothesis is that the original function of Proto-Northern Jê **-j* was that of deriving diminutives, even though in some cases its morphological status may have turned opaque. I also propose that the Proto-Northern Jê morpheme in question was borrowed from Tupi-Guarani languages.

KEYWORDS: Northern Jê languages; Unproductive morphology; Historical linguistics; Language contact

RESUMO: Este artigo objetiva analisar o afixo derivacional *-j*, ainda não descrito na literatura, que está presente na construção morfológica de alguns lexemas das línguas Jê Setentrionais. São examinados 17 conjuntos de cognatos em que algumas línguas apresentam *-j* no final da raiz, ao passo que outras línguas carecem de qualquer contraparte desse segmento. Constata-se que as ocorrências do elemento *-j* “não etimológico” são mais frequentes em derivações diminutivas, sendo provável que se trate de um afixo de baixa produtividade. Assim, apresento a hipótese de que o elemento **-j* do Proto-Jê Setentrional tenha tido originalmente a função de um sufixo diminutivo, embora em alguns casos seu status morfológico possa ter se tornado opaco. É proposto, ainda, que o morfema em questão tenha entrado na protolíngua via empréstimo das línguas Tupi-Guarani.

PALAVRAS-CHAVE: Línguas Jê Setentrionais; Morfologia não-produtiva; Linguística histórica, Contato de línguas

Introdução

O ramo Jê Setentrional (família Jê, tronco Macro-Jê) é um conjunto de línguas indígenas estreitamente relacionadas entre si, faladas nos estados do Pará, Mato Grosso, Tocantins e Maranhão. Todas as línguas Jê Setentrionais possuem um par de sufixos derivacionais altamente produtivos cuja função se assemelha à dos afixos de grau diminutivo e aumentativo na língua portuguesa. Por exemplo, na língua dos Gavião-Pykbjê são documentadas formas como *caxiire* ‘estrela’, *caapucre* ‘oiti-da-chapada’, em oposição a *caxiiteh* ‘estrela grande’, *caapucteh* ‘oiti-da-mata’ (Sá Amado 2004: 134), em que se identificam os sufixos diminutivo/atenuativo *-re* e aumentativo/intensificador *-teh* (alomorfe de *-teh* que ocorre após sílabas pesadas). Morfemas cognatos existem nas demais línguas Jê Setentrionais, permitindo a reconstrução de **-re* e **-?ti* para a língua ancestral desse agrupamento (doravante PJS = Proto-Jê Setentrional).

Neste trabalho, empreende-se uma tentativa de demonstrar que as línguas Jê Setentrionais apresentam resquícios de um terceiro sufixo de grau, não identificado nos trabalhos existentes, que possui a forma *-j* (grafado como *-i* em Parkatêjê; Araújo 1993: 266). Esse sufixo, que não é necessariamente segmentável em todas as línguas contemporâneas,

aparenta possuir ou ter possuído uma carga semântica próxima ou idêntica à do diminutivo/atenuativo *-re*, diferenciando-se deste por não ser produtivo.

A metodologia deste estudo consiste na análise de discrepâncias formais observadas em uma série de conjuntos de cognatos. Por exemplo, os termos para ‘minhoca’ nas línguas Apinajé e Krahô são, respectivamente, *kutōj* e *cutō*. Esses itens são apenas parcialmente cognatos, pois a consoante *j* do Apinajé carece de qualquer contraparte em Krahô (normalmente Apinajé *j* corresponde regularmente a Krahô *j* em todas as posições, cf. Nikulin & Salanova 2019). Discrepâncias semelhantes foram identificadas em 17 conjuntos de cognatos, situação essa que necessita de uma explicação. A solução que proponho a seguir é morfológica: postulo que o elemento *-j* pode ser, talvez ainda sincronicamente, analisado como um sufixo de grau diminutivo.

O artigo é estruturado da seguinte maneira. Na seção 1 explicito as convenções de representação dos dados neste trabalho. A seção 2 apresenta as línguas Jê Setentrionais e os sufixos de grau nelas encontrados. Em seguida, na seção 3, são reproduzidos os dados em que se baseia o estudo. Por fim, o *status* morfológico do elemento *-j* é discutido na seção 4, e as **considerações finais** complementam o artigo.

1. Representação dos dados

Todos os dados linguísticos das línguas contemporâneas são reproduzidos neste artigo em sua representação ortográfica, em conformidade com as grafias atualmente em uso nas respectivas comunidades de fala e divergindo, em alguns casos, das convenções usadas nas fontes consultadas. As raízes das palavras analisadas estão destacadas em negrito. Os temas relacionais (isto é, aqueles que exigem a expressão de seu argumento interno em sua margem esquerda) são indicados com hífen à esquerda (por exemplo, Kajkwakhrattxi *-khra* ‘filho’). A fim de tornar o texto mais legível, não indico a segmentação morfológica das palavras por meio de hifens, a menos que seja indispensável para a discussão.

As formas reconstruídas seguem a proposta de Nikulin e Salanova (2019), com duas importantes modificações sugeridas pelo estudo comparativo de Ribeiro Silva (2020) no que diz respeito à reconstrução de vogais longas e da oclusiva glotal em coda silábica. A duração vocálica é reconstruída com base nos reflexos em Gavião-Pykobjê e Krĩkatí (cf. Ribeiro Silva 2020: 178–90). A oclusiva glotal em coda silábica, representada neste artigo como a preglotalização da consoante subsequente, é preservada em Apinajé, Gavião-Pykobjê, Krĩkatí, Canela-Apànjêkra e Canela-Memörtümre (cf. Ribeiro Silva 2020: 151). Nikulin e Salanova (2019) não reconhecem essas características como contrastivas na protolíngua e reconstróem alguns pares de raízes homônimas, tais como **kucê* ‘espinha’ e **kucê* ‘ficar de pé.PL’, embora as línguas contemporâneas apresentem reflexos contrastivos, a exemplo de Gavião-Pykobjê *cohii* ‘espinha’, *-’coh’hi* ‘ficar de pé.PL’ (Pries 2008: 19, 30). Na reconstrução atualizada, tanto a duração vocálica como a oclusiva glotal encontradas em Gavião-Pykobjê são reconhecidas como retenções: Proto-Jê Setentrional **kucê*: ‘espinha’, **-’ku’cê* ‘ficar em pé’.

2. Línguas Jê Setentrionais

O ramo Jê Setentrional integra a família Jê, do tronco linguístico Macro-Jê. As línguas dos seguintes povos são classificadas como Jê Setentrionais:

1. **Kajkwakhrattxi** (= Tapayuna, Beißos-de-Pau), originários da região entre os rios Arinos e Sangue (bacia do Tapajós, noroeste de Mato Grosso) e residentes hoje na T.I. Capoto-Jarina (rio Xingu, nordeste de Mato Grosso), tendo passado pelo Parque Indígena do

Xingu, aonde foram transferidos em 1971 em decorrência do etnocídio que haviam sofrido em seu território original;

2. **Kĩsêdjê** (= Suyá), do rio Suiá-Miçu (bacia do Xingu, nordeste de Mato Grosso), onde se instalaram na segunda metade do século XIX, vindo da bacia do Tapajós;
3. **Mêbêngôkre** (com pequenas diferenças dialetais entre as variedades faladas pelos **Kayapó** e **Xikrin**; um terceiro dialeto, não mais utilizado, era falado pelos **Irã'ãmrãhre**), do sul e sudeste do Pará e do nordeste de Mato Grosso;
4. **Apinajé**, da região do Bico do Papagaio (Tocantins);
5. os povos **Timbira**, que de acordo com critérios linguísticos podem ser classificados em quatro conjuntos claramente definidos:¹
 - a. **Gavião do Pará**, incluindo os grupos **Parkatêjê**, **Kyikatêjê** e **Akrãtikatêjê** (embora não haja estudos linguísticos acerca da língua deste último grupo), hoje reunidos na T.I. Mãe Maria, localizada entre as cidades de Marabá/PA e Bom Jesus do Tocantins/PA, onde os Parkatêjê residem tradicionalmente; os demais grupos foram transferidos para lá vindos de regiões localizadas águas acima pelo rio Tocantins, no estado do Maranhão (Kyikatêjê), e nas cabeceiras dos rios Capim e Moju, próximo a Jacundá/PA (Akrãtikatêjê);
 - b. o conjunto “**Central**”, incluindo os **Gavião-Pykobjê** e os **Krĩkatí**, das cabeceiras do Grajaú e do Pindaré (Maranhão); também pertenciam a esse grupo os **Cree pym cati ji**, do médio Grajaú, bem como os **Krêjê do Cajuapara**, das proximidades de Imperatriz/MA (ver Nimuendajú 1946);
 - c. o conjunto “**Meridional**”, incluindo os povos **Canela-Apãnjêkra** (da T.I. Porquinhos/MA), **Canela-Memörtũmre** (= **Rãmôkamekra**, da T.I. Kanela/MA), **Krahô** (da T.I. Kraolândia/TO) e possivelmente ainda alguns povos que não vivem mais de forma autônoma, como os **Xokamekra**, os **Põrekamekra** e os **Kêncatêjê**;
 - d. o conjunto “**Setentrional**”, integrado por alguns povos que não vivem mais de maneira autônoma, tais como os **Timbira do Araparitua**, do médio Gurupi (provavelmente originários da região do Pindaré), bem como os **Krêjê do Bacabal** e os **Cukôjkamekra**, da região entre o baixo Grajaú e o médio Mearim (ver Nimuendajú 1946); os dialetos que pertencem ao conjunto Setentrional provavelmente não são mais falados e não serão considerados no restante deste artigo.

¹ No que diz respeito à posição das variedades Parkatêjê, Kyikatêjê, Gavião-Pykobjê, Krĩkatí, Canela-Apãnjêkra, Canela-Memörtũmre e Krahô, adoto a classificação de Nikulin (2020: 7), aceita também por Ribeiro Silva (2020: 78), exceto pelos rótulos “Timbira Central” e “Timbira Meridional”, que são propostos aqui pela primeira vez. Para as variedades Cree pym cati ji, Krêjê do Cajuapara, Xokamekra, Põrekamekra, Kêncatêjê, Timbira do Araparitua, Krêjê do Bacabal e Cukôjkamekra, baseio-me nas informações fornecidas por Nimuendajú (1946). As isoglossas que sustentam a divisão do complexo dialetal Timbira em quatro conjuntos incluem:

- a fusão de **k^h* e **k* em um fonema e a perda da oclusiva glotal em coda silábica em Gavião do Pará;
- o uso de reflexos de **co*: ‘cachorro’ e **k^hôp* ‘vento’ em Timbira “Central” (em vez de **rop* ‘cachorro’ e **k^hôk* ‘vento’, como nos demais dialetos Timbira);
- o uso de reflexos de **-^hk^hat* ‘base, tronco, coxa’ e **ampo* ‘coisa, algo’ em Timbira “Meridional” (em vez de **-^hk^hrat* ‘base, tronco, coxa’ e **mpo* ‘coisa, algo’, como nos demais dialetos Timbira);
- a fricativização da oclusiva aspirada **k^h* > [x] (ou até mesmo [j]) em Timbira “Setentrional”.

De acordo com as classificações mais antigas, o ramo Jê Setentrional inclui ainda a língua Panará, falada hoje no rio Iriri, na divisa dos estados do Pará e Mato Grosso. Neste estudo, seguindo Castro Alves (2010: 454) e Nikulin e Salanova (2019: 535), consideramos que o Panará não faz parte desse agrupamento.

Em todas essas línguas, os sufixos **-re* (diminutivo ou atenuativo) e **-ʔti* (aumentativo ou intensificador) do Proto-Jê Setentrional foram preservados. Esses morfemas podem ser afixados a nomes e verbos descritivos, mas normalmente são incompatíveis com verbos de outras classes; sua ocorrência, muitas vezes lexicalizada, é extremamente comum em nomes de plantas e animais. Apresento a seguir os reflexos de **-re* e **-ʔti* nas línguas contemporâneas (1).²

- (1) a. Kajkwakhrattxi *-re, -txi* (Camargo 2010: 99; 2015: 79-80, 84)
 b. Kîsêdjê *-re, -txi* (Nonato et al. 2012)
 c. Mêbêngôkre *-re/-te/-ne/-e, -ti* (Reis Silva 2001: 24)
 d. Apinajê *-re, -hti/-ti* (Oliveira 2003: 257-9; Albuquerque 2011: 79-80)
 e. Parkatêjê/Kyikatêjê *-re, -ti* (Ferreira 2003: 57, 126; Ferreira Silva 2014)
 f. Gavião-Pykobjê/Krîkatí *-re, -'teh/-teh* (Sá Amado 2004: 36-7, 40, 135-6; Pries 2008: 95, 98)
 g. Canela/Krahô *-re, -hti/-ti* (Castro Alves 2004: 48, 52; Albuquerque e Krahô 2016: 53-4, 136-7)

Um afixo diminutivo não cognato foi descrito em Kajkwakhrattxi (*-tĩ*, ou inclusive *-tĩ-re*; Camargo 2015: 79-80) e Kîsêdjê (*-sĩ-re*; Guedes 1993: 107). Essas duas línguas são estreitamente relacionadas uma à outra, constituindo o sub-ramo Tapajoara do ramo Jê Setentrional. A correspondência entre Kajkwakhrattxi *t* e Kîsêdjê *s* é regular, pois ambas consoantes continuam a oclusiva aspirada **tʰ* do Proto-Tapajoara (Nikulin 2020: 85), e o sufixo diminutivo **-tʰĩ(-re)* pode ser reconstruído para o Proto-Tapajoara. A ausência de cognatos conhecidos desse afixo em outras línguas Jê Setentrionais sugere que se trata de uma inovação restrita ao ramo Tapajoara.

3. Dados

Nesta seção, apresento uma lista de itens lexicais das línguas Jê Setentrionais contemporâneas que apresentam uma aproximante palatal a mais (grafada como *-j* ou *-i*), que não faz parte dos respectivos étimos na protolíngua. As raízes morfológicas de cada cognato estão destacadas em negrito.

² Os alomorfos separados por barra são condicionados fonologicamente. Em Mêbêngôkre, o rótico do sufixo diminutivo é realizado como *t* ou *n* seguindo as codas *-x* e *-nh* (*-tʰx+re* → *-tʰx-te* ‘durinho’, *kwênh+re* → *kwênh-ne* ‘passarinho’) e cai após as codas *-t* e *-n* (*kêt+re* → *kêt-e* ‘periquito’, *prîn+re* → *prîn-e* ‘pequi miúdo’). Em Apinajê, Gavião-Pykobjê, Krîkatí, Canela e Krahô, a oclusiva glotal do sufixo aumentativo (grafada como *h* ou *ʔ*) desaparece seguindo consoantes ou vogais longas (compare Canela-Apànjêkra *rohiti* ‘sucuri’ vs. *cuxujti* ‘pato’; Castro Alves 2004: 27-8).

- (2) PJS **ku:tõ*: ‘animal vermiforme (minhoca, minhocuçu, cobra-de-duas-cabeças)’
- Kajkwakhrattxi *kuthõj* ‘minhoca’ (Camargo 2010: 66)
 - Mëbêngôkre *kutõj* ‘minhocuçu; cobra-cega’ (Passos 2018: 57; Salanova, comunicação pessoal)
 - Apinajé *kutõj* ‘minhoca, lombriga’, *kutõj akutã krã(ti)* ‘cobra-de-duas-cabeças, cobra-cega’ (Oliveira 2005: 397; Albuquerque 2012: 43)

comparem-se as formas sem -j:

- Parkatêjê *kutõre* ‘verme, minhoca’, *kutõti* ‘minhoca grande’ (Araújo 2016: 153)
- Gavião-Pykobjê/Krĩkatí *coohtõo* ‘vermes, minhoca, lombriga’ (Pries 2008: 21)
- Canela *cutõ* ‘cobra-de-duas-cabeças, minhoca’, Krahô *cutõ*, *cutõõre* ‘minhoca, verme, lombriga’, *cutõ japjêa* ‘solitária’, *cutõ pihho* ‘verminoses’ (Castro Alves 2004: 51; Grupp 2015: 54; Albuquerque 2016: 20, 73, 161–3)

- (3) PJS *-*rã* ‘filhote de peixe’

- Parkatêjê *-rãire* ‘filhote de peixe’ (Araújo 2016: 211)
- Canela-Memörtümre *tep rãjre* ‘piabinha’ (Grupp 2015: 186)

comparem-se as formas sem -j:

- Mëbêngôkre *teprãre* ‘peixe pequeno, filhote de peixe’ (Salanova, comunicação pessoal)
- Apinajé *tep rãre* ‘piaba, piroasca, piabinha, peixinho’, *tep rã ry* ‘piaba-comprida’ (Oliveira 2005: 410; Albuquerque 2012: 71)
- Canela-Memörtümre *tep rãre*, *tep rãhti* ‘piabinha’, Krahô *teppe rãre* (sem glosa, termo usado em um canto no ritual do Peixe e Lontra) (Grupp 2015: 186; Krahô 2020: 45, 47)

- (4) PJS *-*po* ‘ser achatado, largo’

- Mëbêngôkre *-poj*, *-pojre*, *-pojti* ‘ser chato, achatado; curvar-se’ (Passos 2018: 50, 60, 171; Salanova, comunicação pessoal)
- Gavião-Pykobjê/Krĩkatí *-pojre* ‘ser um pouco chato’ (Pries 2008: 39)

comparem-se as formas sem -j:

- c. Kajkwakhrattxi **-ho** em *kõwnuhotxi* ‘arraia’, *thêhotxi* ‘carrapato médio’, *wàtho* ‘arara’, *ntwâjhotxi* ‘urubu’ (Camargo 2010: 59, 61, 80; Kajkwakhrattxi *et al.* 2018, item 2018-35.002)
- d. Kĩsêdjê **-ho** ‘ser achatado’ (Nonato *et al.* 2012: 7)
- e. Mëbêngôkre **-po**, **-pore**, **-poti** ‘ser achatado’ (em compostos; Passos 2018: 60, 74; Salanova, comunicação pessoal)
- f. Apinajé **-hpo** ‘ser achatado, largo’, *pîhpo* ‘cadeira, banco’ (Oliveira 2005: 401; Albuquerque 2012: 63, 65)
- g. Parkatêjê **-po** ‘achatado, largo’ (Araújo 2016: 197)
- h. Gavião-Pykobjê/Krĩkatí **-’po** ‘ser reto (por ex. uma tábua)’, **-’po’teh** ‘ser chato, largo’ (Pries 2008: 39)
- i. Canela **-hpo** ‘largo’; Krahô *pîhpo* ‘banco’ (Grupp 2015: 125; Albuquerque e Krahô 2016: 100)

(5) PJS **kakrã* ‘xixá, axixá’

- a. Apinajé *ka(h)krãjti* (Albuquerque 2012: 33)

comparem-se as formas sem -j:

- b. Gavião-Pykobjê/Krĩkatí *cacrỹ’teh* (Pries 2008: 13)
- c. Krahô *cakrã(ã)re* (Albuquerque 2016: 53, 95, 129)

(6) PJS **ku’krã* ‘tipo de abelha (xupé ou arapuá)’

- a. Mëbêngôkre *kukrãjti* ‘xupé’, *kukrãjre* ‘bora-brava’ (Kayapó *et al.* 2007: 171; Passos 2018: 74)

comparem-se as formas sem -j:

- b. Kajkwakhrattxi *kukhrãtxi* ‘tipo de abelha’ (Kayapó *et al.* 2007: 56)
- c. Kĩsêdjê *kukhrã*, *kukhrãtxi* ‘tipo de abelha’ (ISA 2011: 149)
- d. Apinajé *kukrã(h)ti* ‘arapuá, xupé’, *kukrã nhy kamrêk* ‘arapuá vermelha’ (Albuquerque 2012: 42)
- e. Parkatêjê *kukrãre* ‘jupé’, *kukrãti* ‘abelha que fica grudada (faz caixa) no meio do pau’ (Araújo 2016: 146)
- f. Gavião-Pykobjê/Krĩkatí *coh’crỹ* ‘tipo de abelha’ (Pries 2008: 19)

- g. Canela-Memõrtũmre *cuhkrãhti* ‘tipo de térmita (como abelha de mel)’; Krahô *cukrãhti* ‘xupé’, *cuhkrãre* ‘arapua’ (Grupp 2015: 43; Andrade *et al.* 2002: 20)
- (7) PJS **(a)ngrê* ‘esp. de tatu’
- a. Parkatêjê *krêire* ‘tatu-rabo-de-couro’ (Araújo 2016: 137)
- comparem-se as formas sem *-j*:
- b. Kajkwakhrattxi *angrêtxi* ‘tatu-bola’ (Camargo 2010: 66)
- c. Kĩsêdjê *angrê hotxi* ‘tatu-peba’, *angrêtxi* ‘tatu-de-rabo-pelado’ (Nonato *et al.* 2012: 3)
- d. Apinajê *hagrêre* ‘tatu-rabo-de-couro’, *hagrêhti* ‘tatu-zumbi’ (Oliveira 2005: 102, 363, 411; Albuquerque 2012: 23)
- e. Gavião-Pykobjê *criire* ‘tatu-china’ (Sá Amado 2004: 134)
- (8) PJS **-tõ*, **a:-tõ* ‘irmão’
- a. Mëbêngôkre *-tõjre* ‘irmão (para os *kutapure*, ou caçulas)’ (Lea 2012: 175)
- comparem-se as formas sem *-j*:
- b. Kĩsêdjê *-thõ* ‘irmão’ (Nonato *et al.* 2012: 26)
- c. Mëbêngôkre *-tõ* ‘irmão’ (Lea 2012: 175)
- d. Apinajê *-htõ*, *atõ* ‘irmão’ (Oliveira 2005: 179, 411; Albuquerque 2012: 18, 49, 71)
- e. Parkatêjê *-tõ*, *atõ* ‘irmão solteiro (vivo)’ (Araújo 2016: 43);
- f. Gavião-Pykobjê/Krĩkatí - *tõ* ‘irmão’ (Sá Amado 2004: 78; Pries 2008: 42)
- g. Canela *-htõ*, Krahô *atõ* ‘irmão’ (Castro Alves 2004: 47, 65, 123, 124, 176; Grupp 2015: 128; Albuquerque e Krahô 2016: 43)
- (9) PJS **karə* ‘veado-catingueiro’
- a. Parkatêjê *karàire* ‘veado-fuboca’ (Araújo 2016: 119)
- comparem-se as formas sem *-j*:
- b. Mëbêngôkre *karà(re)* ‘veado’, *karàre krajkunõ* ‘*Mazama rufina*’ (Kayapó *et al.* 2007: 186; Salanova, comunicação pessoal)
- c. Apinajê *karà* ‘veado’ (Oliveira 2005: 388; Albuquerque 2012: 36)
- d. Parkatêjê *karàjaxy* ‘catingueira’, literalmente ‘rabo de veado’ (Araújo 2016: 119)
- e. Gavião-Pykobjê/Krĩkatí *carỳ* (Sá Amado 2004: 163; Pries 2008: 17)

- f. Canela *carà* ‘tipo de veado pequeno’, Krahô *carà(re)* ‘veado-catingueiro’ (Castro Alves 2004: 42, 169; Grupp 2015: 34; Albuquerque 2016: 22, 38, 139, 142; Albuquerque e Krahô 2016: 40, 109)
- (10) PJS *-[?]*tu* ‘capim; raiz medicinal ou comestível’
- a. Apinajé *htuj* ‘mato, moita’ (Oliveira 2005: 316, 411)
- comparem-se as formas sem -j:
- b. Kĩsêdjê *hwĩthu* ‘remédio’ (Suyá et al. 1999: 93; Suyá et al. 2012: 62, 66)
- c. Mëbêngôkre *pitu* ‘remédio, raiz’ (Kayapó et al., 2007: 76, 178)
- d. Apinajé *htu* ‘mato, moita’, *pĩhtu* ~ *pihtu* ‘raiz útil (por ex., cenoura, gengibre, açafraão)’ (Oliveira 2005: 315, 411; Albuquerque 2012: 63)
- e. Parkatêjê *atuti* ‘capim para gado comer’ (Araújo 2016: 45)
- f. Gavião-Pykobjê/Krĩkatí -’*toh* ‘raiz de mandioca’, *a’tooh* ‘capim; raízes e plantas medicinais’, *pêh’toh* ‘raiz de árvore’ (Sá Amado 2004: 141; Pries 2008: 2, 42, 90)
- g. Canela/Krahô -*htu* ‘tubérculo, raiz comestível’, *ahtu* ‘erva, grama, capim’ (Castro Alves 2004: 38, 78; Grupp 2015: 8, 129; Albuquerque 2014: 55, 59)
- (11) PJS *-[?]*kra* ‘filho, filha’
- a. Krĩkatí *a’crajre* ‘crianças’ (Pries 2008: 1)
- b. Canela-Apànjàkra/Krahô *ahkrajre* ‘criança’ (Castro Alves 2004: 42, 58, 59, 63, 86, 130; Albuquerque 2014: 20, 57; Albuquerque e Krahô 2016: 47, 48, 101; Krahô 2020: 48, 53, 57)
- comparem-se as formas sem -j:
- c. Kajkwakhrattxi -*khra* ‘filho’ (Camargo 2015: 134, 156, 174, 213)
- d. Kĩsêdjê -*khra* ‘filho; filho da irmã do pai (ego feminino)’ (Nonato et al. 2012: 13)
- e. Mëbêngôkre -*kra* ‘filho/a; BC, WZC, FBSC... (ego masculino), ZC, HBC, FZC, FBDC... (ego feminino); filhote’ (Lea 2012: 175)
- f. Apinajé -*hkra(re)* ‘filho/a, filhote’ (Oliveira 2005: 393; Albuquerque 2012: 38, 48)
- g. Parkatêjê -*kra* ‘filho/a, filhote’ (Araújo 2016: 133)
- h. Gavião-Pykobjê -’*cra* ‘filho/a, filhote’; *a’craare* ‘crianças’; Krĩkatí -’*cra* ‘filho, filha, filhote’ (Sá Amado 2004: 141; Pries 2008: 1, 32)

- i. Canela (ambos dialetos)/Krahô **-hkra(re)** ‘filho/a; criança’, Canela-Memõrtũmre **ahkra(re)** ‘criança’ (Castro Alves 2004: 176; Grupp 2015: 2, 118–9; Albuquerque 2016: 47; Albuquerque e Krahô 2016: 47, 48)
- (12) PJS **kôkñõ: ~ *kõkñõ:* ‘ingá’
- a. Parkatêjê **kukjãire** ‘ingá’, **kukjãitikatutututi** ‘um tipo de ingá’ (Araújo 2016: 145)
- b. Krahô **kõk jõj** ‘ingá’ (Albuquerque 2016: 95, 129)
- comparem-se as formas sem *-j*:
- c. Kĩsêdjê **kõngnhõtôtxi** ‘ingá’ (Suyá et al. 1999: 19; Suyá et al. 2012: 18)
- d. Mëbêngôkre **kõknhõkôti** ‘ingá’ (Kayapó 2007: 218)
- e. Apinajé **kõnh nhõ kô ~ kõnhõkô** ‘ingá’ (Albuquerque 2012: 39; Oliveira 2005: 391)
- f. Gavião-Pykobjê/Krĩkatĩ **cõc jõõxuu pyr** ‘pé de ingá’ (Pries 2008: 1, 32)
- (13) PJS **-ʔkrǎ* ‘montanha, morro’ (extensão semântica de **-ʔkrǎ* ‘cabeça’)
- a. Kĩsêdjê **khraj** ‘montanha’ (Nonato et al. 2012: 14)
- b. Mëbêngôkre **krāj ~ akrāj** ‘elevação, montículo, morro’ (Passos 2018: 161, 164, 169; Salanova, comunicação pessoal)
- comparem-se as formas sem *-j*:
- c. Kajkwakhrattxi **khrajtxi** ‘montanha, morro, serra’ (Kajkwakhrattxi et al. 2018, item 2018-35.002)
- d. Apinajé **kën krā (hprêk)** ‘morro, serra’, **akrājarô** ‘morro, serra’ (Oliveira 2005: 181, 391; Albuquerque 2012: 14)
- d. Parkatêjê **akrãre** ‘ladeira’, **akrãtikatiti** ‘serra’ (Araújo 2016: 29)
- e. (?) Gavião-Pykobjê/Krĩkatĩ **a’crỹ’ cỹ** ‘crosta da terra, casca’ (Pries 2008: 1)
- f. Canela-Memõrtũmre **ahkrã jacot crà** ‘ilha’ (Grupp 2015: 2)

Em Canela-Memõrtũmre **kën càre ~ kën càjre** ‘colina pequena, morrinho’ (Grupp 2015: 153), formas com e sem *-j* foram atestadas como variantes, apesar de não haver cognatos conhecidos em outras línguas.

Nos exemplos apresentados na lista acima, na hipótese de coocorrência do elemento *-j* e do sufixo diminutivo produtivo *-re*, este último é sempre precedido de *-j*, o que resulta na sequência *-j-re* (cf. 3a–b, 4a–b, 6a, 7a, 8a, 9a, 11a–b, 12a). Somente na língua Kajkwakhrattxi, foram encontrados dois lexemas em que a ordem é inversa: o sufixo *-re* é seguido (e não precedido) do elemento *-j* (14–15). Poderia tratar-se de um elemento idêntico àquele discutido

acima; alternativamente, -j na sequência -re-j poderia ser uma contração lexicalizada do sufixo de plural coletivo -jê.

(14) PJS *by ‘moças’

a. Kajkwakhrattxi *wyre-j* ‘mulher’ (Camargo 2015: 87)

comparem-se as formas sem -j:

b. Kĩsêdjê *pyre-jê* ‘meninas’ (com sufixos fossilizados de diminutivo e plural; Nonato et al. 2012: 22; Suyá et al. 1999: 11, 61; Suyá et al. 2012: 28)

c. Gavião-Pykobjê/Krĩkatí *pyh ji* ‘moças, mulheres’ (Pries 2008: 94)

d. Canela/Krahô *pyjê* ‘mulheres’ (Castro Alves 2004: 141; Grupp 2015: 178; Albuquerque 2014: 54)

(15) PJS *ɲgə:ɲy:(-re) ‘rapazes’

a. Kajkwakhrattxi *ngàtyrej* ‘criança’ (Camargo 2010: 52; 2015: 87)

comparem-se as formas sem -j:

b. Kajkwakhrattxi *ngàtyjê* ‘meninos’ (Camargo 2015: 167)

c. Kĩsêdjê *ngáty* ‘menino’, *ngàtyrejê* (com sufixos fossilizados de diminutivo e plural; Nonato et al. 2012: 19; Suyá et al. 1999: 61; Suyá et al. 2012: 15, 70)

c. Mëbêngôkre *ngàdjyre* ‘meninos’ (Passos 2018: 15, 34, 107)

d. Gavião-Pykobjê/Krĩkatí *cỳy xyyh ji*, *cỳy xyyhre* ‘rapazes não casados’ (Pries 2008: 25)

Finalmente, apenas em Canela e Krahô, foram encontrados pares de formas que se diferenciam, além da presença ou ausência de -j, pela altura da vogal final do tema (16–18).

(16) PJS *bər ‘pau’ e *-ʔkə ‘casca’

a. Canela-Memôrtũmre *pàrkàre ~ pàrkỳjre* ‘peixe pequeno’ (Grupp 2015: 172)

compare um composto semelhante sem -j em outras línguas:

b. Mëbêngôkre *bàjkàti(re)* ‘acari’ (Salanova, comunicação pessoal)

c. Apinajé *pàr kàhti* ‘acari (cascudo)’ (Albuquerque 2012: 60)

d. Parkatêjê *pàrkàti* ‘acari’ (Araújo 2016: 190)

- (17) PJS **-gãngro* ‘estar quente’
- a. Canela-Memõrtũmre *-cacro* ‘estar quente’ ~ *-cacrujre* ‘estar morno’ (Grupp 2015: 30)
- comparem-se as formas sem *-j* nas demais línguas:
- b. Kajkwakhrattxi *-kanghro* ‘estar quente, calor’ (Camargo 2010: 46; 2015: 119, 159)
- c. Kĩsêdjê *-kangro* ‘estar quente, arder’ (Nonato et al. 2012: 10)
- d. Mëbêngôkre *-kangro* ‘estar quente’ (Reis Silva 2001: 23)
- c. Apinajé *-kangro* ‘quente, morno, febril; esquentar’ (Oliveira 2005: 387; Albuquerque 2012: 32)
- d. Parkatêjê *-kakro* ‘quentura, esquentar’, *-kakroti* ‘quente, com febre’ (Araújo 2016: 112)
- e. Gavião-Pykobjê/Krĩkatí *-cacro* ‘ser/estar quente, ter febre’ (Sá Amado 2004: 115; Pries 2008: 13)
- f. Krahô *-cacro(hti)* (Albuquerque e Krahô 2016: 59, 71)

- (18) PJS **-kra* ‘filho/a, filhote’
- a. Krahô *-hkra(a)re* ~ *-hkryjre* ‘criança, filhote’ (Albuquerque 2016: 63, 75, 127; Albuquerque e Krahô 2016: 47, 52, 100, 103, 152; Krahô 2020: 32, 47, 53, 57, 59).

(ver 11 para os cognatos em outras línguas)

Nesta seção, argumentou-se que as línguas Jê Setentrionais possuem resquícios de um terceiro afixo, não mais produtivo, cuja forma pode ser reconstruída como PJS **-j*. Na próxima seção, é discutida a possibilidade de que o elemento *-j* tenha tido originalmente a função de um sufixo diminutivo, embora em alguns casos seu status morfológico possa ter se tornado opaco.

4. Discussão

Na seção anterior, vimos que o elemento “não etimológico” *-j* foi encontrado em algumas palavras de cada uma das línguas Jê Setentrionais: Kajkwakhrattxi (2a, 14a, 15a), Kĩsêdjê (13a), Mëbêngôkre (2b, 4a, 6a, 8a, 13b), Apinajé (2c, 5a, 10a), Parkatêjê (3a, 7a, 9a, 12a), Gavião-Pykobjê (4b), Krĩkatí (4b, 11a), Canela-Apànjêkra (11b), Canela-Memõrtũmre (3b, 16a, 17a) e Krahô (11b, 12b, 18a). Como há diferença em cada caso do conjunto de línguas que apresentam o *-j* “não etimológico”, é descartada a hipótese de que se trata de uma inovação restrita a um agrupamento específico de línguas. À luz da existência de variantes com e sem o *-j* em um mesmo lexema, em uma mesma língua (cf. 3b/e, 10a/d, 16a, 18a), é plausível propor que o elemento *-j* desempenha, ainda sincronicamente, uma função morfológica, pelo menos em algumas línguas.

A alta frequência do elemento *-j* nas derivações diminutivas em *-re* é um fato que chama a atenção, seja na ordem *-j-re* (3a, 3b, 4a, 4b, 6a, 7a, 8a, 9a, 11a, 11b, 12a e Canela *kên càjre*; com o alçamento da vogal também 16a, 17a, 18a) ou na ordem inversa, *-re-j* (apenas em

Kajkwakhrattxi; 14a, 15a). Em contraste às derivações diminutivas, as ocorrências de *-j* são consideravelmente mais raras nas derivações aumentativas (4a, 5a, 6a, 12b). Em alguns casos, as derivações diminutivas em *-j-re* parecem formar pares mínimos com os temas não derivados sem *-j*: Gavião-Pykobjê/Krĩkatĩ - 'po-*j-re* vs. - 'po ou -po- 'teh (4b/h), Měbêngôkre -tô-*j-re* / -tô (8a/c), Canela-Memörtũmre -*cacru-j-re* vs. -*cacro* (17a). No caso do termo para 'criança', identifica-se a derivação lexicalizada, constituída do prefixo de possuidor genérico *a-*, do elemento *-j* e do diminutivo *-re* (Krĩkatĩ *a-* 'cra-*j-re*, Canela-Apànjêkra/Krahô *a-hkra-j-re*), contrastando com a raiz morfológica - 'cra / -hkra, sem o elemento *-j* (11a/h, 11b/i).

A evidente correlação entre a ocorrência de *-j* e do sufixo diminutivo *-re* permite hipotetizar que a função original do elemento *-j* poderia ter envolvido a semântica de atenuação ou diminutivização. Com efeito, a semântica de quase todos os itens envolvidos é compatível com a hipótese de que sua consoante final seja analisável como (ou diacronicamente provenha de) um afixo diminutivo: muitos lexemas analisados denotam animais de pequeno porte ('minhoca', 'filhote de peixe', 'abelha-xupé ou bora-brava', 'peixe-pequeno') ou pelo menos menores que o protótipo ('tatu-rabo-de-couro', 'veado-fuboca'); outros se referem a pessoas relativamente mais novas ('irmão caçula', três termos para 'criança'); um termo diz respeito a um estado mais moderado ('estar morno') que aquele designado por sua contraparte não derivada ('estar quente').

Nos seis termos restantes ('mulher', 'ser achatado/largo', 'montanha/morro', 'xixá/axixá', 'mato/moita', 'ingá'), a contribuição semântica de *-j* é menos clara, mas não é impensável que em algumas línguas o sufixo *-j* (que possuía, outrora, uma função diminutiva) tenha sido reanalisado como parte de algumas raízes, perdendo o significado original, em um processo de opacização (fossilização) morfológica. Uma mudança semelhante ocorreu na história da língua portuguesa, em que as palavras *joelho* e *orelha* (< latim *geniculum* e *auricula*, diminutivos de *genū* 'joelho' e *auris* 'orelha', respectivamente) não são sincronicamente analisáveis como diminutivos.

Dessa forma, hipotetizo que em Proto-Jê Setentrional, além do sufixo diminutivo produtivo **-re*, existia ainda um sufixo **-j* com uma função semelhante ou idêntica, que podia ocorrer apenas em temas que terminavam em vogal e era de baixa frequência lexical. Esses dois sufixos podiam ainda coocorrer, seguindo a ordem **-j-re* (a ordem inversa é encontrada apenas na língua Kajkwakhrattxi e provavelmente é inovadora). No complexo dialetal Canela-Krahô, foram encontrados três lexemas em que o acréscimo de *-j* faz com que a vogal precedente sofra alçamento: *pàrkà* → *pàrkỳjre*, *-cacro* → *-cacrujre*, *-hkra* → *-hkryjre*. Como não foram identificados fenômenos análogos em outras línguas, conclui-se que se trata de uma inovação exclusiva a esse complexo dialetal.

Quanto à possível origem desse afixo, destaco sua semelhança formal e semântica com o sufixo diminutivo das línguas Tupi-Guarani, que em várias línguas dessa família possui a forma *-i*, como em Suruí-Aikewara (Lopes 2014: 102), ou *-i/-ĩ*, como em Kamaiurá (Seki 2000: 372) ou Avá-Canoeiro (Borges 2006: 134–5). Como não foram encontrados cognatos de PJS **-j* em outras línguas Jê, é concebível que se trata de um empréstimo das línguas Tupi-Guarani.³

Futuras pesquisas em campo junto a falantes das línguas Jê Setentrionais poderão corroborar ou rejeitar a hipótese formulada neste artigo. Possíveis rumos de investigação incluem a documentação de outros lexemas com um *-j* "não etimológico", bem como a

³ Um/a parecerista anônimo/a indaga se foram identificados "argumentos não só linguísticos, mas socio-históricos que sustentem a hipótese de empréstimo para o elemento analisado". Até o presente, tais evidências não foram identificadas. Ressalta-se que a possibilidade de difusão via empréstimo diz respeito a um período em que o Proto-Jê Setentrional ainda não havia se cindido em múltiplas línguas, evento que ocorreu entre os séculos II e VII (Salanova e Nikulin 2020: 54, nota 5). Por se tratar de uma época relativamente remota, as evidências referentes ao possível contato são necessariamente indiretas.

descrição semântica das línguas Jê Setentrionais com vistas a verificar se há alguma diferença semântica entre os pares “mínimos” (tais como *tep rãre* vs. *tep rãire* ‘piabinha’ em Canela-Memörtümre).

Considerações finais

No exame de 17 conjuntos de cognatos das línguas Jê Setentrionais, foi identificada a discrepância entre a presença de *-j* em algumas variedades e sua ausência em outras. Foi proposto que o elemento *-j* na margem direita das raízes desempenhe, ou tenha desempenhado no passado, o papel de um sufixo diminutivo, que aparenta ter coexistido na protolíngua com sua contraparte mais produtiva, PJS **-re*. Com isso, os resultados tendem a contribuir na ampliação do conhecimento da morfologia, tanto sincrônica como histórica, das línguas Jê Setentrionais.

Agradecimentos

Agradeço a Andrés Pablo Salanova por seus comentários acerca da forma e da semântica dos termos da língua Mëbêngôkre citados neste artigo, a dois/duas pareceristas anônimos/as da LIAMES pelas sugestões que contribuíram para o aperfeiçoamento do manuscrito, bem como ao Conselho de Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais do Canadá (SSHRC), que viabilizou esta pesquisa por meio de uma bolsa Insight (número 435-2018-1173, Pesquisador Principal: Andrés Pablo Salanova). Quaisquer erros ou equívocos são de minha exclusiva responsabilidade.

Referências

- Albuquerque, Francisco Edviges (coord.) (2011). *Gramática pedagógica da língua Apinajé*. Goiânia: Editora da PUC-Goiás. http://uft.edu.br/lali/uploads/10_gramaticapedagogicaapinaye3.pdf
- Albuquerque, Francisco Edviges (org.) (2012). *Dicionário escolar Apinayé: Panhĩ kapër–kupẽ kapër, Apinayé–português*. Belo Horizonte: Editora da Faculdade de Letras–UFMG. http://www.uft.edu.br/lali/uploads/11_dicinonariomec.pdf
- Albuquerque, Francisco Edviges (org.) (2014). *Geografia Krahô: pjê kãm ampo itajê nã carõ*. Campinas: Pontes Editores. <http://www.uft.edu.br/lali/uploads/geografia2014.pdf>
- Albuquerque, Francisco Edviges (org.) (2016). *Ciências Krahô*. Campinas: Pontes Editores. <http://www.uft.edu.br/lali/uploads/cie%CC%82nciaskraho%CC%822016.pdf>
- Albuquerque, Francisco Edviges; Krahô, Renato Yahé (orgs.) (2016). *Gramática pedagógica Krahô*. Campinas: Pontes Editores. <http://www.uft.edu.br/lali/uploads/grama%CC%81ticakraho%CC%822016.pdf>
- Andrade, Aldaneí Menezes de; Carlos Antônio Bezerra Salgado; Jussiana Borges Corrêa; Maria Eliza Requejo Ribeiro Leite; Néilson César Destro Jr.; Valéria Medeiros Andrade (2002). *Abelhas nativas brasileiras: conservação ambiental*. Brasília: FUNAI/DEDOC. <https://acervo.socioambiental.org/acervo/documentos/abelhas-nativas-brasileiras-conservacao-ambiental>
- Araújo, Leopoldina (1993). Fonologia e grafia da língua da comunidade Parkatêjê (Timbira). In Lucy Seki (org.) (1993). *Linguística indígena e educação na América Latina*, pp. 265-271. Campinas: Editora da UNICAMP. <http://www.etnolinguistica.org/biblio:araujo-1993-fonologia>
- Araújo, Leopoldina (2016). *Dicionário Parkatêjê–Português*. Belém: edição da autora.
- Borges, Mônica Veloso (2006). *Aspectos fonológicos e morfossintáticos da língua Avá-Canoeiro (Tupi-Guarani)* (Tese de doutorado em linguística). Campinas: Universidade Estadual de Campinas. <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/270406>

- Camargo, Nayara da Silva (2010). *Língua Tapayúna: aspectos sociolingüísticos e uma análise fonológica preliminar* (Dissertação de mestrado em linguística). Campinas: Universidade Estadual de Campinas. <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/270867>
- Camargo, Nayara da Silva (2015). *Tapayuna (Jê): aspectos morfossintáticos, históricos e sociolingüísticos* (Tese de doutorado em linguística). Campinas: Universidade Estadual de Campinas. <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/270864>
- Castro Alves, Flávia de (2004). *O Timbira falado pelos Canela Apãniekrá: uma contribuição aos estudos da morfossintaxe de uma língua* (Tese de doutorado em linguística). Campinas: Universidade Estadual de Campinas. <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/270880>
- Castro Alves, Flávia de (2010). Evolution of alignment in Timbira. *International Journal of American Linguistics* 76(4): 439-75. <https://doi.org/10.1086/658054>
- Ferreira, Marília de Nazaré de Oliveira (2003). *Estudo morfossintático da língua Parkatêjê* (Tese de doutorado em linguística). Campinas: Universidade Estadual de Campinas. <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/270362>
- Ferreira Silva, Marília de Nazaré (2014). Descrição fonético-fonológica do Kyikatêjê. *Letras de Hoje* 49(1): 56-65. <https://doi.org/10.15448/1984-7726.2014.1.14864>
- Grupp, Bernhard (2015). *Dicionário Canela: Canela–Português–Inglês, Português–Canela, Inglês–Canela*. 2ª ed. Barra do Corda: Missão Cristã Evangélica do Brasil.
- ISA-Instituto Socioambiental (2011). *Almanaque Socioambiental. Parque Indígena do Xingu: 50 anos*. São Paulo: Instituto Socioambiental. <https://www.socioambiental.org/pt-br/o-isa/publicacoes/almanaque-socioambiental-parque-indigena-do-xingu-50-anos-0>
- Kajkwakhrattxi, Nokêrê; Kajkwakhrattxi, Orengô; Beauchamp, Jérémie; Lapierre, Myriam (2018). *Kajkwakhrattxi field materials* (Survey of California and Other Indian Languages, 2018-35). Berkeley: UC Berkeley. <https://doi.org/10.7297/X2RF5SH0>
- Kayapó, Bepkũm Mëkrãgnõtire; Metuktire, Patoit; Mëtyktire, Ropni; Txucarramãe, Megaron; Mëtyktire, Iobal; Mëtyktire, Bepkrit; Mëtyktire, Kômýj; Mëtyktire, Tãkãkkrã; Metuktire, Karopi; Mëkragnõtire, Pakyj-i; Kayapó, Doto Tãkãk-ire; Kayapó, Bekwýjti; Mëkrãgnõtire, Kute-ê; Mëkrãgnõtire, Kôkômati; Suyá, Hwinkã Tapajúna; Tapajúna, Wentykarôrô; Tapajúna, Roptykti; Kayapó, Mântino; Kayapó, Xikatô; Kayapó, Brajre; Panará, Symakriti; Panará, Akã; Panará, Tesêja; Kayapó, Banò; Kaiapó, Bebĩn; Txucarramãe, Beboiti Metuktire; Tapajúna, Bengrôj; Metuktire, Bepdjãti; Mëkragnoti-re, Bepdjý-re; Kayapó, Bepkĩre; Mëkragnoti-re, Bepkôre; Mëkragnoti-re, Bepkyj; Mëkragnoti, Bepnhi; Mëkragnoti-re, Bep-oiô; Kaiapó, Bep-te; Kaiapó, Bep-tôti; Kaiapó, Betire; Mëkragnoti-re, Bere; Metuktire, Êngri; Txucarramãe, Ikumã; Panará, Jotikiã; Kaiapó, Karanhĩn; Metuktire, Katãptire; Kayapó, Kôkôba; Kaiapó, Kôkôkumêm; Txucarramãe, Kokopiêti Yurui Trumai; Kayapó, Kremajti; Metuktire, Kremôrô; Kayapó, Kukrytkra; Metuktire, Meningô; Tapajúna, Mântxi-i; Panará, Krekreansã Mikre; Karopi, Mro-re; Mëkragnoti-re, Nhãkpokti; Tapajúna, Orengô; Kaiapó, Pãtkã-re; Metuktire, Patkôre; Panará, Perankô Pokre; Panará, Ponto Tepikô; Metuktire, Prejkýre; Metuktire, Pydjãkoro; Panará, Sãkiêrã; Kaiapó, Tãkãk-ê; Mëkragnoti-re, Tãkãkkudjôti; Kayapó, Takakmy; Metuktire, Tãkãktũm; Metuktire, Tekreranti; Mëkragnoti-re, Tômêajkwa; Kaiapó, Tom-êre; Mëkragnoti-re, Topti; Metuktire, Txuakre; Panará, Txokrãn Metuktire; Metuktire, Waiwai; Tapayuna, Weneti Suiá (2007). *Mëbêngôkre mẽ, Panãra mẽ, Tapajúna nhõ pyka karõ nêjã. Panãra mẽ Mëbêngôkre mẽ Tapajúna jõ kypa prêpi hãkia. Tapajúna mẽ Mëbêngôkre mẽ Panãra nhõ hwyka karõ rô tujarê na itha. Atlas dos territórios Mëbêngôkre, Panãra e Tapajúna*. Colíder: Programa de Formação de Professores Mëbêngôkre, Panãra e Tapajúna. https://issuu.com/programampt/docs/atlas_junho07
- Krahô, Tais Põcuhto (2020). *Tep mẽ Têêre*. Rio de Janeiro: Pachamama. <https://www.alfabecantar.com.br/tep-me-teere/>
- Lea, Vanessa (2012). *Riquezas intangíveis de pessoas partíveis: os Mëbêngôkre (Kayapó) do Brasil Central*. São Paulo: EDUSP/FAPESP.
- Lopes, Jorge Domingues (2014). *Uma interface da documentação linguística e modelos lexicográficos para línguas indígenas brasileiras: uma proposta para o Suruí-Aikewára* (Tese de doutorado em linguística). Brasília: Universidade de Brasília, Brasília. <https://repositorio.unb.br/handle/10482/18271>

- Nikulin, Andrey (2020). *Proto-Macro-Jê: um estudo reconstrutivo* (Tese de doutorado em linguística). Brasília: Universidade de Brasília, Brasília. <https://repositorio.unb.br/handle/10482/38893>
- Nikulin, Andrey; Salanova, Andrés Pablo (2019). Northern Jê verb morphology and the reconstruction of finiteness alternations. *International Journal of American Linguistics* 85(4): 533-67. <https://doi.org/10.1086/704565>
- Nimuendajú, Curt (1946). *The Eastern Timbira* (University of California Publications in American Archaeology and Ethnology, 41.) Berkeley/Los Angeles: University of California Press. <http://www.etnolingua.org/biblio:nimuendaju-1946-timbira>
- Nonato, Rafael; Suyá, Jamtô; Suyá, Kawiri (2012). *Dicionário Kĩsêdjê-português*. Rio de Janeiro: Museu do Índio. http://prodoclin.museudoindio.gov.br/images/conteudo/kisedje/dicionario_kisedje1.pdf
- Oliveira, Christiane da Cunha (2003). Lexical categories and the status of descriptives in Apinajé. *International Journal of American Linguistics* 69(3): 243-274. <https://doi.org/10.1086/381336>
- Oliveira, Christiane da Cunha (2005). *The language of the Apinajé people of Central Brazil* (Tese de doutorado em linguística). Eugene: University of Oregon. <http://www.etnolingua.org/tese:oliveira-2005>
- Passos, João Lucas Moraes (2018). *O movimento mēbêngôkre: andando, nomeando e assentando sobre a terra* (Dissertação de mestrado em antropologia). Brasília: Universidade de Brasília. <https://repositorio.unb.br/handle/10482/32247>
- Pries, Stanley T. (2008). *Dicionário Gavião-Krikati*. Mimeo.
- Reis Silva, Maria Amélia (2001). *Pronomes, ordem e ergatividade em Mebengokre (Kayapó)* (Dissertação de mestrado em linguística). Campinas: Universidade Estadual de Campinas. <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/270519>
- Ribeiro Silva, Nandra (2020). *Reconstrução fonológica do Proto-Timbira* (Tese de doutorado em estudos linguísticos). Belém: Universidade Federal do Pará.
- Sá Amado, Rosane de (2004). *Aspectos morfofonológicos do Gavião-Pykobjê* (Tese de doutorado em linguística). São Paulo: Universidade de São Paulo. <https://repositorio.usp.br/item/001413326>
- Salanova, Andrés Pablo; Nikulin, Andrey (2020). A história que conta o léxico Mēbêngôkre. *Revista de Letras Norte@mentos* 13(33): 52-106. <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/norteamentos/article/view/4228>
- Seki, Lucy (2000). *Gramática do Kamaiurá: língua Tupi-Guarani do Alto Xingu*. Campinas: Editora da UNICAMP. São Paulo: Imprensa Oficial. <http://www.etnolingua.org/biblio:seki-2000-gramatica>
- Suyá, Temptxi; Kaiabi, Kaomi Suyá; Suyá, Gaidoberi; Suyá, Petoroti; Suyá, Hwĩti (1999). *Kĩsêdjê kapêrê*. São Paulo, Brasília: Instituto Socioambiental. <https://www.socioambiental.org/pt-br/o-isa/publicacoes/kisedje-kapere-alfabetizacao-na-lingua-suya>
- Suyá, Wetanti, Suyá, Mayuri; Suyá, Kokatá; Suyá, Ropkrāsê; Suyá, Nhikraberri; Suyá, Mbentykrari; Suyá, Kaiusa; Suyá, Weteme Trumai; Suyá, Amtôtixinti; Suya, Tepmtongôkatxi Trumai; Suya, Koiroro; Suyá, Teptanti Juruna; Kaiabi, Poãn Trumai; Suyá, Ngáty Kaiabi (2012). *Wâtân khwê wa nhô twâ. Livro sobre nutrição*. Belo Horizonte: Literaterras. http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/eventos/indigena/Watan%20Khwê%20wa%20nhô%20twâ%20-%20Kisedje.pdf

Recebido: 5/10/2021

Versão revista e corrigida: 15/11/2021

Aceito: 29/11/2021

Publicado: 3/12/2021